

Presença de Drummond em poemas contemporâneos

Seleção Leonardo Davino

Let's play that
(Torquato Neto; musicado por Jards Macalé)

Quando eu nasci
um anjo louco muito louco
veio ler a minha mão
não era um anjo barroco
era um anjo muito louco, torto
com asas de avião

eis que esse anjo me disse
apertando minha mão
com um sorriso entre dentes
vai bicho desafinar
o coro dos contentes
vai bicho desafinar
o coro dos contentes

Let's play that

Jards Macalé, 1972

Com licença poética
(Adélia Prado)

Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.
Cargo muito pesado pra mulher,
esta espécie ainda envergonhada.
Aceito os subterfúgios que me cabem,
sem precisar mentir.
Não tão feia que não possa casar,
acho o Rio de Janeiro uma beleza e
ora sim, ora não, creio em parto sem dor.
Mas, o que sinto escrevo. Cumpro a sina. Inauguro linhagens, fundo
reinos
— dor não é amargura.
Minha tristeza não tem pedigree,
já a minha vontade de alegria,
sua raiz vai ao meu mil avô.
Vai ser coxo na vida, é maldição pra homem.

Mulher é desdobrável. Eu sou.

Bagagem, 1976

Até o fim
(Chico Buarque)

Quando nasci veio um anjo safado
O chato dum querubim
E decretou que eu tava predestinado
A ser errado assim
Já de saída a minha estrada entortou
Mas vou até o fim

Inda garoto deixei de ir à escola
Cassaram meu boletim
Não sou ladrão, eu não sou bom de bola
Nem posso ouvir clarim
Um bom futuro é o que jamais me esperou
Mas vou até o fim

Eu bem que tenho ensaiado um progresso
Virei cantor de festim
Mamãe contou que eu faço um bruto sucesso
Em Quixeramobim
Não sei como o maracatu começou
Mas vou até o fim

Por conta de umas questões paralelas
Quebraram meu bandolim
Não querem mais ouvir as minhas mazelas
E a minha voz chinfrim
Criei barriga, minha mula empacou
Mas vou até o fim

Não tem cigarro, acabou minha renda
Deu praga no meu capim
Minha mulher fugiu com o dono da venda
O que será de mim?
Eu já nem lembro pr'onde mesmo que vou
Mas vou até o fim

Como já disse, era um anjo safado
O chato dum querubim
Que decretou que eu tava predestinado
A ser todo ruim
Já de saída a minha estrada entortou
Mas vou até o fim

Chico Buarque, 1978

Noite de hotel
(Caetano Veloso)

Noite de hotel
A antena parabólica só capta videoclipes
Diluição em água poluída
(E a poluição é química e não orgânica)
Do sangue do poeta
Cantilena diabólica, mímica pateta

Noite de hotel
E a presença satânica é a de um diabo morto
Em que não reconheço o anjo torto de Carlos
Nem o outro, só fúria e alegria
Pra quem titia Jagger pedia simpatia

Noite de hotel
Ódio a Graham Bell e à telefonia
(Chamada transatlântica)
Não sei o que dizer
A essa mulher potente e iluminada
Que sabe me explicar perfeitamente
E não me entende
E não me entende nada

Noite de hotel
Estou a zero, sempre o grande otário
E nunca o ato mero de compor uma canção
Pra mim foi tão desesperadamente necessário

Caetano, 1987

Drumundana
(Alice Ruiz)

e agora maria?

o amor acabou
a filha casou
o filho mudou
teu homem foi pra vida
que tudo cria
a fantasia
que você sonhou
apagou
à luz do dia

e agora maria?
vai com as outras
vai viver
com a hipocondria

Navalhanaliga, 1980

Ler Drummond
(Waly Salomão)

Pico de Itabira
que máquina mineradora não corrói
é a própria obra poética de **CDA**,
ápice do modernismo brasileiro.
Fulano de tal situa sua poesia entre o símbolo e a alegoria
e beltrano vislumbra nela o princípio-corrosão
e sicrano percebe uma poética do risco;
enquanto este escrutina a técnica da palavra-puxa-palavra
aquele outro detecta uma estilística da repetição.
Enquanto as interpretações subsidiárias
não criam uma película fantasmática
entre o leitor treinado, o leitor plurifocal, e a poesia de Drummond.
Esta permanece qual rútilo e incorruptível diamante,
imune aos assaltos dos exércitos da hermenêutica.

Pratico umas leituras luteranas
— e, desde que *fato* nunca nem há mais,
giram que giram celeradas as roldanas das interpretações —
enfio um pé aquém e o outro pé além,
um contato direto e sem intermediários
com as sete faces dos seus veios poliédricos.
Reler Drummond pela milionésima vez é uma aventura adâmica,
um convite renovado ao espanto e à surpresa.
Close readings nas internas das galerias das minas.
Magia lúcida, esfinge clara:
chiar para não ser destituído do estímulo do simples enigmático.
Uma pedra de tropeço quebra o sono dogmático.
Açucarado? Edulcorado? Nunca de nún-caras.
Dissolução de Minas, família, Deus.
Morte do absoluto & despentalar da rosa do bloco histórico & redução eidética

Em clave sintética:
Chega um tempo em que não se diz mais: Meu Deus
Tempo de absoluta depuração.

Oficina irritada em direção a um sereno/escalavrado agnosticismo.
A vida passada a limpo não em nome da restauração do perdido
Mas sim da almejada: **NUDEZ**

Estoicismo sem consolo nem vanglória.
A PROCURA DA POESIA é um aparelho processador/reprocessador
Que nulifica bazófiás.

Sherazadiar:
ler Drummond: pela milionésima e mais uma vez e mais...

Pescados vivos, 2004

Entendimento esquivo
(Masé Lemos)

a máquina do mundo se entreabriu
Carlos Drummond de Andrade

uma atenção intensa
basta para conquistar não
o mundo não basta estar no mundo
ficar distraído forçar mudo
a visão a máquina a máxima a
atenção
mesmo contorcida
veja bem o meu caso
olho fixamente para o seu poema
suas mãos me tocam ou quase
raspam minha cara
aquela palavra funda distorce um sentido fundo
eu não vejo nada
a carícia
em torno o sol não se move volta
escurece
tapa

No circuito das linhas, 2016

Lembrete
(Ricardo Domeneck)

Cruz e Sousa
em vagões de
transporte
de gado.

Paul Celan
nas águas
do Sena.

Frank O'Hara
estirado n'areia.

Christine Lavant
crivada de camas
e escamas.

Alejandra Pizarnik,
intolerância
a secobarbital.

Clarice Lispector
carregando um câncer
no ovário, inoperável.

Carlos Drummond de Andrade
doze dias após a filha.

Pier Paolo
a pau e pedra.

João Cabral de Melo Neto
cego.

Orides Fontela
à beira da indigência.

Carta aos Anfibios, 2005

Drummond
(Carlito Azevedo)

Sabe que nada mais agora
poderá mover sua poesia.

Cruza a avenida Rio Branco, o Aterro,
a enseada, o túnel do Pasmado

(do mundo caduco é a parte
que mais lhe agrada).

Nem o vestido de flores da
filha do tipógrafo, nem os

pássaros de fogo que dele
partiam de vez em quando

(tudo perdido num antigo
crepúsculo itabirano).

Nem aquela vez,
quando pensou ouvir

o rumor do mundo percutindo
as paredes do Outeiro

(havia um melro no alto
do muro de cantaria negra).

Cerra as mãos como quem porta
um segredo, e ainda que ninguém

perceba, sente que sua revolução
está ocorrendo neste exato instante.

Se apenas uma dessas indecifráveis
palmeiras pousasse o rosto no peito

do aviador cansado, ouviria
as bombas da ilusão de

auto-suficiência e as bombas
da ilusão de unidade absoluta

com a natureza reduzindo a
pó a ilha mínima do eu.

Mas ele mesmo só pode ouvir os
ônibus lotados que passam rumo à

periferia, soltando no ar
grossos rolos de fumaça negra,

ou as mãos de quem costura
vestidos de flores baratos.

Revoluções e filhos são mais
incontroláveis do que poéticos:

eis a quinta-essência do
aprendizado? Maria Julieta está morta.

Cruza o túnel do Pasmado, e mais outro.
Tudo somado, talvez esteja recitando:

"A Avenida Atlântica situa essas
coisas numa palidez de galáxias".

Monodrama, 2009

Brasília
(Edimilson de Almeida Pereira)

1

Os camaradas, Drummond, não disseram que havia uma guerra mas, apesar do oceano, os mortos anônimos nos pertenciam. Não disseram da guerra aqui, à distância da mão que dispara. O Brasil é um reduto de esqueletos, uma vez brancos não revelam quem foram antes. Os descarados alugam câmeras para montar o país que samba e aniquila.

2

O Brasil foi formado por três raças e outras tantas premissas falsas. A lei que pune é punho de seda aos ricos. E nós, os punidos, não desejamos senão o que construímos. O que nos mata além da miséria violência cinismo é a covardia e seus sinônimos: traição, doença, o inferno que Dante não previra.

3

O Brasil estirado nas ruas engordou senhores, puliu suas ventosas. O país horizontal que assusta o turista vira estética no cinema. Mas ali, entre a violência, o lixo e quem passa depressa, a linguagem persiste. Uma litania de pobres, uma advertência, Cruz e Souza diria.

4

A elite ainda envergonha o país. O que ilude é o que demite, dia a dia antigos males são piorados. Antologias brasileiras têm que exhibir pássaros, além da poesia. Novelas para distrair Itália e Espanha valem pelas mulheres e paragens. Entre seios e bromélias antigos males são piorados. Apesar desse calendário, nos faremos para sentenciar à Mário de Andrade: remate de males.

POESIA+, 2019